



©n-1 edições 2020 / Hedra

Riot Days

Maria Alyokhina

©n-1 edições 2020

tradução© Marina Darmaros

revisão Flavio Taam

coordenação editorial Peter Pál Pelbart e Ricardo Muniz Fernandes

direção de arte Ricardo Muniz Fernandes

projeto gráfico Lucas Kröeff

coedição Jorge Sallum e Felipe Musetti

assistência editorial Luca Jinkings e Paulo Henrique Pompermaier

ISBN 978-65-81097-13-4

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

A Cooperativa Libertas moldou e costurou as balaclavas produzidas especialmente para esta edição. A partir de oficinas de costura de calcinhas e de rodas de conversa sobre ginecologia autônoma com mulheres no regime semiaberto no Centro de Progressão Prisional feminino do Butantã, na cidade de São Paulo, foi que nasceu a Cooperativa Libertas. Percebendo a necessidade de acolhimento das mulheres que saíam do sistema prisional, frente a ausência de políticas públicas de amparo, construímos o desenho da cooperativa com o objetivo de possibilitar a conquista da autonomia financeira das mulheres egressas, através da costura. A viabilização deste projeto só foi possível pela doação de tecidos orgânicos pela empresa Pano Social, a conquista da sede no espaço Cisarte, o empréstimo de máquinas de costura e a capacitação da prática cooperativista orientada pela Design Possível. Hoje a Cooperativa Libertas possibilita o amparo e a formação das mulheres, desenvolve produtos sustentáveis, não tem patrão e não visa obtenção de lucro. Todos os ganhos são divididos entre as mulheres cooperadas. Estão presentes no trabalho de costura das balaclavas: Audrey Dorta, Bruna Cassia, Cláudia Cristina, Geralda Ávila, Hortencia Nhacume, Marcita Amores, Narjara Cristina de Campos, Natália Domingos e Patrícia Candido.

Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil

N-1 EDIÇÕES

R. Frei Caneca, 322 (cj 52)
São Paulo-SP, Brasil

n-1
edições

hedra

colecta
PRODUÇÕES


libertas

Maria Alyokhina

R I O T
D A Y S

Marina Darmaros (*tradução*)

8	Prólogo
10	Minha primeira causa
22	Pussy Riot Church
36	Operação "Fuga"
60	Reclusão
98	Julgamento russo
118	Trânsito. Vagão "Stolípín"
132	República dos detentos: O experimento de Perm
164	Arquitetura do protesto: pelos desprovidos de direitos
192	¡No Pasarán!
214	Agradecimentos

"NEM À BOCETA, NEM AO EXÉRCITO VERMELHO" ¹

1. Provérbio russo equivalente a “nem uma coisa, nem outra”. [Todas as notas daqui em diante são de autoria da tradutora.]

PRÓLOGO

Tivemos a ideia de rodar um filme sobre a Revolução. Filme de verdade, para passar em todas as salas de cinema. Um filme sobre uma galinha congelada em uma boceta seria maravilhoso, mas não é arte para as massas. Arte para as massas é Hollywood. É preciso conclamar à Revolução usando as telonas.

Em uma semana, percorremos vinte estúdios. Escritórios idênticos. Sorrisos brancos como a neve. Não foi difícil marcar esses encontros, já que escreviam sobre a gente em todos os jornais.

“Queremos fazer um filme sobre a revolução!”

“Que revolução?”

“A revolução russa.”

“Que revolução é essa de vocês? A revolução de 1917?”

“Não! Sobre a que está acontecendo agora.”

“Mas agora não tem nenhuma revolução acontecendo!”

Será possível que não tenha?

Sorrisos brancos como a neve. Corpos delgados. Pela manhã, eles correram com seus tênis.

“Compramos sua história se vocês a venderem.”

“Mas e a revolução?”

MINHA PRIMEIRA CAUSA

MINHA PRIMEIRA CAUSA

O verão terminou. Começou a escurecer cedo. Putin disse que entrará no terceiro mandato presidencial.

É o mágico verão de 2011, a Revolução de Neve. O que escreverão sobre ela em geral, em que ela deve se desembocar, será que vai se tornar o início de uma grande revolução por vir? O que nos guiou foi a fé, uma fé inocente e infantil que despertou de repente nos adultos e da qual eles normalmente se envergonham, sentem necessidade de se justificar: é a inesperada fé na possibilidade de mudança. Saímos nas ruas, nos multiplicamos a cada letra que escrevíamos em textos sobre a revolução. Empunhamos fitas brancas.

TEXTO SOBRE A REVOLUÇÃO

Naquele inverno o pequeno tchequista¹ cinza Putin e seu Medvedev de brinquedo vestido de terno decidiram fazer um troca-troca com os cargos de primeiro-ministro e presidente da Rússia – ou um só deles decidiu fazê-lo, mas isso não importa. Eles chamaram isso de “roque do xadrez”. E adulteraram as eleições para a Duma de Estado (a Câmara Baixa da Assembleia Federal da Rússia).

1. Tchequista é como os russos se referem aos funcionários e colaboradores dos serviços de segurança estatal da Rússia (atualmente, a agência responsável por eles é a FSB, que foi precedida, em tempos soviéticos, pelas siglas KGB e NKVD, entre outras). O nome é proveniente da pioneira entre essas agências, a Tchecá, fundada por Félix Dzerjinski, em 1917.

Achamos que se Putin tomasse uma alfinetada na bunda ele saltaria da sua cadeira presidencial. Saltaria e correria para o diabo. Suas bochechas inchadas de botox acometeriam o horizonte e viajariam a algum canto empoeirado da história.

TODO MUNDO PODE SER PUSSY RIOT

Morei na casa da Baixista e zombava do mundo acadêmico. “Ele está cheio de bolor”, eu dizia. A Baixista morava nos subúrbios da cidade, em um prédio alto, em um apartamento com um retrato de Beethoven e uma capa de sofá de oncinha. A gente conversava até as cinco da manhã e assistia muito ao Pasolini.

A gente amava os mesmos heróis. A revolução francesa de 1968, a vanguarda russa do início do século 20, tudo desse tipo. Naquela época, líamos muito Aleksandr Vvedênski, o poeta que morreu, condenado por Stálin, em trânsito entre prisões. Em algum lugar entre Kharkiv e Kazan. Em um final de semana, tranquei-me no quarto onde a Baixista gravava seus discos para serigrafar uma camiseta. Resolvi que precisava fazer uma camiseta revolucionária. Não percebi como tinha escurecido.

CAMISETA REVOLUCIONÁRIA

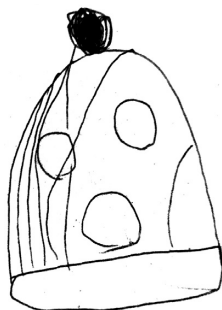
Quando saí para ir à cozinha, ela estava abarrotada de garotas. O chão da Baixista era de quadrados brancos e pretos, parecendo um tabuleiro de xadrez, e as garotas estavam com vestidos coloridos. Elas discutiam tanto que imagino que fosse possível escutá-las dois andares abaixo do nosso.

“Vejam a camiseta que eu fiz.”

Eu estava muito orgulhosa da primeira camiseta que tinha feito sozinha.

CÉDER UN PEU, C'EST CAPITULER BEAUCOUP!

Era o que estava escrito na camiseta que eu tinha gastado umas cinco horas para fazer, com uma serigrafia feita com canetão permanente. A camiseta era verde. As garotas cortavam loucamente toucas coloridas de tricô.



Na noite de 4 de dezembro, aconteceu no bairro moscovita de Tchístie Prudí uma manifestação perto do prédio do FSB. Os fogos vermelhos das labaredas. 4°C, vento forte, ar úmido. Névoa. Prisões.

4°C, 981 HPA, 88 %

Os presos desenham uma faixa feita com canetões ilegais. E penduram para fora, enfiando os braços pelas grades.

“A juíza Moskalenko deve queimar no INFERNO.”²

A juíza não queimou no inferno, ela vive nele. Assim como antes, ela trabalha em um tribunal russo.

Putin anunciou a entrada das tropas de choque na capital. Preparava-se a primeira grande manifestação. Grande de verdade, ao pé do muro do Kremlin.

2. Aqui, ela se refere ao protesto, em 2011, de três líderes da oposição política russa, Naválni, Verzílov e Iáshin, realizado de dentro da prisão.

Os tanques estão a postos. Entramos na Praça da Revolução.

VOCÊS NÃO TÊM NEM IDEIA DE QUEM A GENTE É

Em janeiro, começamos a ensaiar em uma velha fábrica. A entrada só era permitida com carteirinha, mas o segurança já não se surpreendia: as garotas têm que andar por aí... Mas com meias-calças, com chapéus estranhos... A Rússia é mesmo totalmente estranha. A Kátia dizia: “É suspeito que eles não perguntem nada.” Eu pensava: tem alguma coisa errada com esses seguranças se eles não perguntam nada. Mas estava tudo certo com os seguranças: eles bebiam cerveja e assistiam às novelinhas na TV.

É um capricho deles. Para um determinado lugar, eles mandam nove pessoas, para outro, vinte, para alguns países acham possível não mandar nenhuma pessoa. Se eles querem ensinar alguém, que ensinem suas esposas a cozinhar sopa de repolho!

— *Vladimir Putin sobre os observadores europeus das eleições na Rússia*

CAPRICHOS

Para realizar uma ação, é preciso ensaiar por um mês. Aperfeiçoar os movimentos e as interações. Cada segundo é decisivo na hora H. Percorrer a sala, saltitar, abrir uma escada, subir em fila no peitoril. Gritar a música. Trinta, quarenta vezes seguidas.

PREPARE-SE

Todos os dias eu pulava a catraca no último ônibus elétrico vazio até o metrô, carregando uma enorme mochila. Eu não tinha dinheiro para a passagem.

PULE

O Kremlin está hesitante. A televisão nega tudo. “Preservativos”, disse Putin em relação às fitas brancas, querendo dizer que os que dele discordam são “camisinhas”, gíria em russo para “tontos”. Claro.

PUTIN SE MIJOU

As torrezinhas do Kremlin estavam escuras, a neve branca. Em Lônnoie Miêsto as pessoas eram executadas.

Um círculo com uma pedra plana dentro, parecida com um cadafalso, e bordas altas – com mais de dois metros – de pedra. É quase um barril grande cortado. Pode comportar cerca de 30 pessoas.

Bem na frente do Kremlin

Era aqui que os tsares liam os decretos. Declaravam guerra.

Em 1968, foi aqui que oito dissidentes protestaram contra a entrada de tropas na Tchecoslováquia.

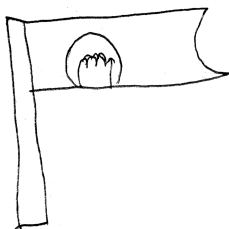
PELA MINHA E PELA SUA LIBERDADE

Foi um protesto inédito na União Soviética. O governo lhes respondeu com prisões e tratamentos psiquiátricos.

Nos “selvagens anos 1990”, como se costuma chamar essa década na Rússia, o artista Aleksandr Brener, que ficou confinado em uma prisão holandesa porque desenhou o símbolo do dólar em uma pintura de Malievitch, saltitou de cueca e luvas de boxe em Lônnoie Miêsto e gritava em direção ao Kremlin: “Iéltsin, saia! Iéltsin, saia!”

Nos noticiários, chamavam Brener de arruaceiro. Iéltsin renunciou e fez de Putin presidente. No ano 2000. Putin dizia “é preciso estabilidade”. Ele se autodenominava estabilidade.

Nós, as Pussy Riot, partimos para nossa ação com uma bandeira violeta: o espelho de Vênus e, no centro, um punho cerrado. Éramos oito, como aqueles dissidentes de 1968.



CHÃO VARRIDO, ESTABILIDADE PRONTA

Enquanto preparávamos a ação na Praça Vermelha, chegavam a Moscou as pinturas de Caravaggio. Não é confortável ir com uma escada ao museu. Além disso, os gambés podiam tomá-la.

“Que Natal estranho!”, eu pensava enquanto ia para casa, atravessando a floresta, voltando do ensaio.

REVOLUÇÃO SEM CARAVAGGIO

A gente precisava da escada para subir no parapeito de pedra de Lônnoie Miêsto.

Naquele ensaio, saiu fumaça do amplificador em que a guitarra estava ligada. A Kátia foi e consertou. Ela é especialista em submarinos nucleares. E algumas de nós não conseguiam sequer instalar uns programas de edição de vídeo no computador.

“Fumaça! É muito legal!”

“A gente precisa de fumaça.”